



Dormir Com Um Desconhecido

Sleeping With A Stranger

**Dormir Com Um  
Desconhecido**

**Mary Costello**

-

**Traduzido por Vasco Gato**

Mary Costello

*Dormir Com Um Desconhecido*

PUBLISHED BY Literature Ireland

36 Fenian Street  
Trinity College Dublin, Dublin Do2 CH22  
Ireland

COMMISSIONING EDITOR Sinéad Mac Aodha

ART DIRECTION AND ARTWORK Gaia Baldassarri  
EDITORIAL TEAM Isabel Dwyer and Lynsey Reed

ORIGINAL TITLE *Sleeping With A Stranger*

COPYRIGHT © Mary Costello, 2012

THE ORIGINAL ENGLISH EDITION WAS PUBLISHED BY The Stinging Fly  
Press (2012) AS PART OF THE COLLECTION *The China Factory*

© The Stinging Fly Press, 2012

COPYRIGHT FOR THE PORTUGUESE TRANSLATION © Vasco Gato, 2023

COPYRIGHT FOR THIS EDITION © Literature Ireland, 2023

PRODUCED BY Language  
[www.language.ie](http://www.language.ie)

ISSN 2811-6143

Óbidos, Portugal

-

Dublin, Ireland



Literature Ireland é o organismo nacional da Irlanda para a promoção da literatura irlandesa no estrangeiro. O objetivo do nosso trabalho é alargar a consciência e o reconhecimento internacional da literatura irlandesa contemporânea, principalmente no domínio da tradução.

*Literature Ireland is the national agency in Ireland for the promotion of Irish literature abroad. We work to build an international awareness and appreciation of contemporary Irish literature, primarily in translation.*

Deixou para trás as águas mornas da baía, as algas, o azul de Burren. Foi nadando numa corrente só sua, suspenso, qual paraquedista no escuro. Nadava para longe, submerso, rumo à Plataforma Continental. Já não se sentia humano, mas marinho. Sentia necessidade de alcançar as profundezas, de se infiltrar na treva silenciosa e sentir o aflorar leve e frio de luminosas criaturas marinhas.

Quando voltou à tona para respirar, sentiu-se toldado pelo sol. Rodou a cabeça e viu a plataforma de mergulho amarela e o telhado de betão do abrigo para trocar a roupa, reparando que mal se afastara das rochas. Ao longe, o sol reluzia no tejadilho de um carro que seguia rente ao passeio marítimo. Regressou a nado e, guindando-se, deu por si no caminho, a pingar água, com o corpo contraído e nervudo, novamente cheio de vigor.

Era uma manhã luminosa, fria, de outubro. No abrigo, vestiu-se e torceu os calções

de natação. Penteou-se e sentiu-se a regressar ao mundo. Mona estaria nesse instante na cozinha, a levantar a louça do pequeno-almoço. Daí a nada, sairia de casa e apanharia o autocarro com destino a Knocknacarra para ir ao centro tomar o seu café de sábado de manhã e, mais tarde, almoçar com amigos. Pegou no saco e pôs-se a caminho do carro. Estava a sentir uma vaga incerteza desde que saíra da água, como se aquele dia não fosse digno de confiança. À sua frente ia uma mulher com roupa escura e cabelo comprido que ia espiando o mar. Girou a cabeça para onde ela olhava e acompanhou uma onda até esta se fundir nas águas pardas da baía. Aproximando-se da mulher, sentiu uma ponta de vivacidade. Quando ficaram lado a lado, virou o rosto para ela. Os olhos de ambos cruzaram-se e a mulher apressou-se a desviar o olhar. Não era quem ele achava que seria.

Mona deixara um bilhete na bancada a dizer que ia passar o dia fora. Ela e os amigos – todos professores – demorar-se-iam a almoçar, a beber vinho e a falar da escola e da família, bem como dos anseios de reforma. Mona cuidava-se bem e parecia uma déca-

da mais nova do que os seus sessenta anos. Lia romances, jogava *bridge* e iam os dois ao teatro e a concertos, recebendo de vez em quando amigos para jantar. Ele serviu um copo de vinho e sentou-se à mesa com a casa em silêncio à sua volta. Lambeu o antebraço, sentiu o sabor a sal e lembrou-se de que o pai, quando ele era pequeno, deixava pedras de lamber nos campos e nos alpendres de maneira a atenuar as ânsias dos bezerros. Caso contrário, poderiam dar em loucos a lamber as grades dos portões. Perscrutou a cozinha, adiando o instante em que subiria para analisar os apontamentos à secretária e começar a redigir o relatório sobre a avaliação do ano escolar que terminara nessa semana. Já não apreciava o seu trabalho. Gostaria de se dedicar a uma coisa só, embora nunca a tivesse encontrado. Espreitou pela janela. Viviam naquela casa havia vinte e oito anos. Mona tinha uma irmã gêmea e, certa noite, já deitada, disse para a escuridão: “Se eu morrer, vais ter de casar com a minha irmã,” e ele jurou que assim faria, que só buscaria quem tivesse mais parecenças com Mona. Assemelhara-se a um pacto. Porém, ela não morreu e a irmã foi para a Austrália. Numa manhã, pouco tempo depois, ela entrou na cozinha, parou

numa poça de luz junto dos armários amarelos e disse-lhe que estava grávida. Tiveram filhos porque não poderiam viver sem filhos; a ausência de filhos teria amplificado a solidão do casamento.

A meio da manhã, ligaram do lar de Athlone a dar conta do estado de saúde da sua mãe, que sofria de Alzheimer e viera a decair ao longo dos últimos anos, havendo agora motivos de preocupação. Ele abandonou a cidade seguindo para o oriente pela nova autoestrada. Passara vinte e cinco anos a bater as estradas do condado na qualidade de inspetor do ensino primário, rumando todas as manhãs a zonas rurais profundas, passando por campos com muros de pedra e vacas a serem levadas para a ordenha, atravessando aldeias sonolentas uma hora antes de alguém se levantar. No fim da primavera, as ovelhas aglomeravam-se atrás dos muros, chamando os cordeiros com os seus balidos, e os cordeiros, acabados de desmamar, soltavam o seu próprio e terrível lamento de currais vizinhos. Certa vez, encostou e pôs-se na berma elevada da estrada a observá-las por cima de um muro, ouvindo os seus queixosos balidos. Entrou no carro e seguiu viagem. Quanto tempo, interrogou-se, levará a desaparecer a dor de uma ovelha?

Espiou os terrenos que se estendiam para lá da autoestrada, uma árvore numa colina, a abóbada do céu. Interrogou-se acerca da existência dessas coisas: uma árvore, um animal, um inseto. Perguntou-se se a deles não seria melhor, mais feliz, do que a sua. Gostaria de conversar sobre este tipo de coisas, mas era demasiado tarde já. Não conseguia abordar tais assuntos com Mona. Não faziam amor havia um ano. Lembrou-se da mulher com que se cruzara no passeio marítimo e que espiava o mar como a mulher ao fundo de um pontão num filme que vira. Via mulheres solitárias em todo o lado. Numa manhã, já lá iam mais de vinte anos, passara por uma rapariga de capacete que estava na berma da estrada. Estacionara a mota e estava debruçada sobre uma raposa morta. Uns quantos quilómetros mais à frente, chegou à escola local e, enquanto percorria o caminho de acesso com o diretor a acompanhá-lo, a rapariga apareceu e, virando-se, ele viu-a a abrir o fecho do casaco, a tirar o capacete e a sacudir a cabeça para soltar o cabelo. Chamava-se Grace. Sentou-se por baixo de um mapa da Irlanda ao fundo da sala de aula, a observá-la. Ouviu-a a contar às crianças que passara por um corpo morto na estrada. Disse que, ao tocar nele, sentiu

que ainda estava quente. Uma família de crias passaria fome nesse dia. Esteve a manhã inteira a deambular entre as crianças, curvando a cabeça para se aproximar delas e lhes sussurrar aos ouvidos. Às vezes sorria-lhe e trocavam pequenos olhares cúmplices. Estava de calças de ganga e camisa branca. Tinha braços jovens, fortes, sem cicatrizes, um corpo com toda a sua vida sensual pela frente. Tratando-a pelo seu nome em irlandês, *Gráinne*, perguntou-lhe no fim da aula: o que querias ser em pequena? Queria ser tudo, disse ela.

Mona estaria por essa altura no restaurante, a acomodar-se na sua cadeira, a pegar nos óculos para inspecionar a ementa. Não era desprovida de mistérios. Tinha um parceiro de *bridge*, um colega da escola chamado Tim. Imaginou-os à noite, sentados à mesa de jogo, e pensou nos olhares que intercambiariam. Lembrou-se de ter visto uma vez num programa sobre escalada que os parceiros de escalada começam a ler o pensamento um do outro, a compreender-se um ao outro numa dimensão profunda e silenciosa.

No lar, a sua mãe estava de boca aberta, como o bico pequeno de um passarinho. Por

vezes, durante as visitas, alastrava pelo seu rosto um olhar aterrado quando ele entrava no quarto. Ele dizia o nome dela: Mãe. O seu físico mirrara, vendo-se as veias e as artérias na face inferior dos braços. Os seus chinelos estavam bem arrumados no chão, junto do aquecedor. Apareceu uma enfermeira que, depois de se ter posto ao lado dele, disse em voz baixa: “O médico veio vê-la há pouco. Os pulmões não estão bem... ele acha que não deverá faltar muito tempo.” Apalpou a mão da mãe. No seu leito de morte, as mãos, os pés e o nariz do pai, as extremidades, tinham ido arrefecendo aos poucos. A mãe não parava de tocar nessas partes do corpo, como se a temperatura, e não as horas ou os minutos, fosse a medida do tempo. Logo após ele ter morrido, a mãe começou a decair também. Enchia a chaleira elétrica de leite e assustava-se com a chuva. Começou a cantar as canções de Jeanette MacDonald e Nelson Eddy. Lembrava-se do que ele acabara de dizer, mas não do que viera antes. Ele imaginava o cérebro dela cravejado de buraquinhos, como uma saraiada de chumbos.

Nessa primavera de anos antes, arranjou desculpas para ir visitar uma vez mais a rapariga à sala de aula. A sua juventude e



simpatia enterneceram-no. Amealhou pensamentos a respeito dela e, no caminho para casa, deixou que eles o invadissem. Lembrou-se de ela ter tossicado, ou da forma como se esquecera da sua presença na sala e pousara distraidamente a cabeça nas mãos à secretária. No último dia de observação, sentou-se outra vez ao fundo da sala a alinhar o relatório oficial. Quando levantou o olhar, ela estava a fitá-lo, sem sorrir, completamente concentrada nele.

No final do dia, dispensados os alunos, ele convidou-a a sentar-se.

“Tens um futuro brilhante à tua frente” disse-lhe.

“Obrigada.”

“Este trabalho é temporário. Há falta de emprego. Tens alguma outra coisa em vista?”

Ela encolheu ao de leve os ombros. “Não, nem por isso. Vou passar o verão a Dublin. Eu e mais uns quantos vamos alugar lá uma casa e experimentar fazer um pouco de teatro de rua.”

Ele sorriu e indicou-lhe que continuasse.

“Nem sei se vamos sobreviver. As expectativas são grandes! O mais provável é vermo-nos obrigados a regressar às salas de aula em setembro.” Tinha olhos verdes. O pescoço era liso e branco. “Mas, a longo pra-

zo, devemos ir para os Estados Unidos.”

Ele aclarou a garganta e remexeu os papéis. “A sério? Dar aulas?”

Ela inclinou ligeiramente a cabeça. “Hum, não sei... talvez... quero passar uma temporada em Nova Iorque, andar por lá, viver quatro estações na cidade.” Os olhos iluminaram-se. “De qualquer forma, se for, será com a malta. Temos a esperança de entrar num programa de teatro comunitário. Os Estados Unidos são ótimos para esse tipo de coisas. Trabalhei lá no verão passado. As pessoas são diferentes, são muito... dadas. Conheci um poeta numa paragem de autocarro um dia... falou comigo como se me conhecesse desde pequena.”

Sob os punhos da camisa, os seus pulsos eram finos e brancos. Ele viu de relance o futuro dela. Haveria sempre de dar ouvidos aos choros de homens e crianças.

“Nesse caso, estás de partida para uma vida louca na Grande Maçã!”

“Ah, não diria tanto, não diria ‘louca’. Nem sequer bebo.”

“Não?”

“Não. Não me interpretes mal. Já bebi. Só não gosto do que o álcool pode fazer.”

Subitamente, ele sentiu-se temerário. “O que é que ele pode fazer?”

Ela expirou lentamente, com o fluxo de ar a levantar-lhe a franja. “Bom... teria medo de perder o controlo. Era capaz de me estatelar na rua... ser atropelada por um autocarro... dormir com um desconhecido.”

Uma porta bateu com estrondo no corredor. Seguiu-se o silêncio. Ele achou que ela seria capaz de ouvir o terrível alvoroço que ia dentro de si. Pegou no relatório e entregou-lho. “Não costumo fazer isto” disse.

Ela leu a folha em silêncio e depois pôs-a. “Obrigada” disse a sussurrar.

Ele começou a arrumar as suas folhas. Tinha as mãos a tremer. Apercebia-se da passagem furiosa do tempo.

“Está para abrir uma vaga numa escola não muito longe daqui...” Incapaz de olhar para ela, curvou-se para apanhar a mala. “Conheço o diretor, é meu amigo... se estiveres interessada...” Procurou as palavras certas. “Serias uma grande mais-valia para a escola.”

Ficaram a olhar um para o outro. Ele viu-a a assimilar as implicações daquela proposta e, quando o excesso de entendimento lhe esmoreceu o olhar, a situação tornou-se insuportável.

“Claro que podes não querer ficar por cá” disse ele. “Tendo em conta o que disseste...”

Estivera a um passo de se deixar levar pelo entusiasmo. Transformara-se numa coisa insignificante em carne-viva.

“Bom... obrigada. Mas, se continuar a dar aulas, é provável que seja em Dublin.”

Nessa tarde, o desconsolo começou a apoderar-se de si na viagem de regresso à cidade. Mona jamais viria a conhecer as profundezas do seu ser. Iria morrer como um marido fiel. Tinham a carne de três filhos e o pavor da solidão a uni-los. Nessa noite, pôs-se diante de um espelho. Pareceu-lhe ouvir o som do seu batimento cardíaco a desvanecer-se. Em todas as manhãs subsequentes, ao romper o dia, havia algo que se eclipsava. À tarde, percorria de carro as ruas da cidade, demorando o olhar nas costas de raparigas e mulheres. Dentro dos seus olhos pairava o nome dela, a cara dela. Rumava à praia nas noites de verão, deixando para trás as luzes da cidade, despia-se e lançava-se às ondas. Trabalhava de sol a sol, apertava com os filhos em relação aos estudos e ao desporto, e estafava todos os que o rodeavam, havendo dias em que Mona se virava contra si com olhos amargurados e estupefactos, e ele percebia que tinham acabado

de ultrapassar um limiar qualquer e que não havia volta-atrás.

A mãe não abria os olhos. Ele desceu a persiana até meio e ficou à espera. Estava deitada de barriga para cima à sua frente, com o tronco, os ossos que tinham suportado o fardo da sua existência, enterrados na cama. Uma rapariga de rosto singelo e largo apareceu com o tabuleiro do almoço e ele fez-lhe um sorriso acanhado, abanando a cabeça. A rapariga regressou uns minutos mais tarde e, sem dizer nada, pousou uma chávena de chá e duas bolachas à sua frente. Um ato simples que o deixou profundamente comovido.

Ao fim da tarde, foi ao exterior, sentou-se num banco de madeira e enviou uma mensagem a Mona. Ligou para o número da irmã e cancelou de imediato. Queria aquele dia, e a morte se acontecesse, só para si. Encaminhou-se para as traseiras e parou ao fundo do relvado a contemplar o Shannon. Os iates de recreio estavam ancorados numa pequena marina no outro lado. Havia um novo hotel na margem, semelhante a um grande cubo quadrado, com janelas

enormes. As águas estavam tranquilas; os juncos conferiam um ar paciente ao rio. Encostou-se a uma árvore e olhou para a ponte ferroviária de aço que se erguia sobre as águas. Nesse preciso instante despontou no seu campo de visão o comboio proveniente de Dublin que ia atravessar a ponte e, do nada, Grace veio-lhe de novo à memória.

Tropeçara nela, inesperadamente, três anos antes apenas, depois de ter falado num congresso de professores em Maynooth. Estava imensa gente e, no intervalo da manhã, ele virou-se para pousar o copo de café vazio na mesa comprida e lá estava ela, a não mais de metro e meio, a contemplá-lo calmamente. Reconheceram-se de imediato. Ela tinha o cabelo mais comprido e escuro, com uma faixa grisalha à frente, como um texugo. Faixa que a distinguia como estando diferente, mudada, atormentada. *Agora somos iguais*, pensou ele, *apanhaste-me*.

“Tenho quarenta” disse ela “e estou casada.” Entrelaçou as mãos no colo. Uma felicidade enorme inundara-o quando ela entrou no seu carro. Não conseguia explicar a proximidade que sentia em relação a ela. Ia a caminho da cidade, cego, decidido. Pensava em todas as viagens de carro, todos os anos de recordações. Iam passando pelos

molhes sob o sol derradeiro da tarde. Entrou num parque de estacionamento subterrâneo, subiram escadas de betão e, quando saíram para a rua, ela permitiu que ele lhe desse a mão. Entraram num hotel e, já lá em cima no quarto, ele abeirou-se da janela para observar a rua. Depois virou-se, cruzou o chão e depositou a cabeça no colo dela. Não disseram nada. Sentia-se um homem num romance: calado, obcecado, excessivo a amar. Encarou aquele momento como a sua última oportunidade, a sua única oportunidade, e sentiu tudo – o passado, o futuro – como que a ser suprimido.

“Conta-me a tua vida” murmurou. O quarto conservava ainda o calor diurno. Em breve, lá fora, a claridade esfumar-se-ia.

Ela sorriu. “Um homem destroçou-me em tempos o coração” disse ela baixinho.

“O teu marido?”

“Não. Um outro homem. Nos Estados Unidos... um ator. Conheci o meu marido quando regresssei.” Soltou uma ligeira gargalhada. “Ele teima em amar-me... Não consigo ter filhos.”

“Lamento.”

Ela acariciou-lhe o cabelo.

“Chegaste a esquecê-lo? Esse tipo americano?”

O olhar dela extraviou-se. “Quando voltei, fiquei em casa da minha mãe. Costumava deambular pelas vielas. Estávamos no verão. Numa noite, peguei no carro dela e fiz quilómetros sem parar. No regresso, estacionei no cemitério local, nas traseiras, debaixo dos teixos. É aqui que as pessoas vêm em noites de verão para pôr termo à vida, pensei. Mas limitei-me a ficar lá parada. Sentia-me tão dilacerada... Pensava que tínhamos sido feitos um para o outro.”

Ela deu-lhe a mão e encaminhou-o para a cama. Descalçou-lhe os sapatos. A intensidade era brutal. A luz do quarto cambiara e ele lembrou-se das tardes de verão na infância em que a claridade desaparecia e uma certa tristeza se instalava dentro de si. Ela aproximou a cara, o pescoço, o ponto macio na têmpora que ele desejava tocar. Ele viu os olhos dela, viu que algo se extinguiu dentro dela. Quem é que te fez isto?, apeteceu-lhe perguntar. Abraçou-a e cobriu-a com todo o seu corpo, com as solas dos pés. “Dá-me com força” sussurrou ela.

Estavam deitados ao lado um do outro, a olhar para o teto. Ele ia ouvindo o burburinho da cidade ao longe. Ela fizera-o sentir

a imensidão. Teve de conter palavras, pensamentos, procurar outras palavras capazes de aguentar o próprio peso. Lembrou-se de algo que ouvira nesse dia na rádio, algo relacionado com o céu estar atulhado de tralha, milhares de vaivéns e antigos satélites russos que se vão despedaçando e cujos destroços caem à Terra. Pedacos do tamanho de um carro familiar podiam despenhar-se nalguma casa. Virou-se para lhe contar isso mesmo. Esbugalhados, húmidos e desolados, os olhos dela fixavam-no.

“Ele só gostava do início das coisas” sussurrou. “Batia-me... Estava tão desfeito. O que me fez amá-lo ainda mais.”

Veio o crepúsculo. Ele sentiu vontade de a levar para o carro e partir com ela. Começou aos poucos a senti-la a alhear-se ao seu lado. Ela arredou o lençol e atravessou o quarto. A luz da casa de banho acendeu-se e a porta fechou-se com delicadeza. Depois, a água do chuveiro começou a correr. Ele olhou para os vultos no quarto, o ecrã do televisor, os candeeiros, os cadeirões. Ficou muito tempo à espera. Percebeu então que ela pretendia que ele se fosse embora. Levantou-se, vestiu-se e desceu de elevador, com as pernas quase incapazes de o transportar. Sentiu uma náusea ao

sair para o meio da noite. Os lampiões cor de laranja tornavam tudo sinistro. Seguiu de carro pelas ruas vazias, entre árvores cabisbaixas. Não sabia como sair da cidade. Parou e sentou-se num café com uma iluminação agressiva a contemplar o seu reflexo na vidraça da janela. Imaginou-a naquele quarto de hotel, sentada diante do espelho, a escovar o cabelo com movimentos demorados e regulares.

O horizonte foi enegrecendo à medida que se dirigia para ocidente. Imaginou ziguezagues de relâmpagos a atingirem a estrada, a iluminarem o caminho defronte. Abriu a janela, deixando que o ar frio se infiltrasse, acelerou a fundo e fechou por instantes os olhos. Pouco importava que nunca chegasse a casa. Sabia o que tinha lá à sua espera, o que era preciso aturar. Conhecia as águas da baía, cada rua da cidade e cada árvore da sua estrada. Conhecia o acesso à sua própria casa, a porta da rua onde a sua chave entrava, o som dos seus passos nos degraus e o cheiro dos lençóis mornos a virem ao seu encontro. Imaginou-se sentado na beira da cama, com todo o seu peso a descair ao curvar-se para tirar os sapatos. Pensou que essas coisas insignificantes – desapertar os atacadores, despir-se – ou o

seu mero pensamento eram capazes de destrambelhar um homem.

As luzes começavam a despontar do outro lado do rio, na marina, no hotel, e não tardariam a brotar da cidade para se refletirem nas águas. Estava com algum frio. Atravessou a relva húmida e entrou. Tinham posto uma mesinha no quarto da mãe, com uma toalha branca, um crucifixo e duas velas acesas. Apareceu uma enfermeira para diminuir a iluminação. Ele ficou a ouvir a respiração da mãe, cada vez mais sumida. Encostou os dedos à sua pulsação e deixou-os lá ficar, sentindo-se a fraquejar num instante de terrível ternura, de misericórdia. O que sentiu nos braços foi *caritas*, um amor por ela maior agora do que em qualquer outro momento de toda a sua vida. De repente, ela escancarou os olhos e ficou a olhar, transida, para algo aos pés da cama. Ele sussurrou *Momma* e deslocou-se até lá e, por um instante longo e belo, achou que ela estava de volta, e que tudo não passava de um engano e que no momento a seguir ela iria sentar-se e ficar outra vez bem, e exultante. Só que os olhos dela estavam a ver mais além, fitavam algo para lá dele.

O prédio estava calado. Ele achou que deveria segredar-lhe algo ao ouvido. Os pulmões dela iam farfalhando, enchendo-se de líquido, afogando-se como sacas lastradas. Não tardariam a ficar cheios. Quando aconteceu, chegou o momento, as respirações superficiais esgotaram-se numa longa expiração, e ele aguentou-se até que tudo terminasse.

Ficou muito tempo lá sentado, com a sensação de que não era de dia nem de noite. Algo subsistia, a pairar no quarto. Ela partira muito antes dessa noite, exilara-se. Também ele, nos últimos anos, vivera num exílio à sua maneira. Fechou então os olhos. Mona criara o seu lar. Criara os seus filhos, dentro dela. Virou a cabeça para o ponto no chão onde repousavam os chinelos da mãe. Essa visão, essa espera paciente, comoveu-o. Curvou-se, trouxe-os para o colo e enfiou uma mão dentro de cada um. Sentiu o coração aos pulos. Entregara a Mona a totalidade da sua vida, os dias, as horas, o quotidiano. Todos os dias, exceto um. Ela haveria de o ter também para lá da sua vida. Os ossos de ambos descansariam no mesmo túmulo, encostados uns aos outros, calcificando-se em conjunto na terra. Que mais poderia ela querer? Que mais poderia ele dar?

Ficou imenso tempo sem se mexer. Não sabia se aquele momento valeria tudo ou quase nada. Seguiu noite dentro para ocidente. Ia ouvindo um piano na rádio, notas agudas e isoladas, maravilhosas e puras, como o toque de sinos delicados. Esse tinido, esse andamento, ao embater levemente na sua alma, fez com que ela levantasse voo.





He left behind the warm waters of the bay, the seaweed, the blue of the Burren. He swam in a current of his own and hovered, like a skydiver in the dark. He would swim out far, underwater, to the Continental Shelf. He no longer felt man, but marine. He had a need to reach the depths, to glide to the silent darkness and feel the cold brush of luminous sea creatures.

When he came up for air he was blinded by the sun. He turned his head and saw the yellow diving platform and the concrete roof of the changing shelter, saw that he had barely moved beyond the rocks. In the distance the sun glinted on a car roof moving along the Prom. He swam back in and hoisted himself up onto the path, dripping seawater, his body tight and sinewy and vigorous again.

It was October. The morning was bright, cold. In the shelter he dressed and wrung out his swimming trunks. He combed his

hair and felt himself coming back to the world. Mona would be in the kitchen at that moment, clearing away the breakfast things. In a while she would leave the house and take the Knocknacarra bus into town for her Saturday morning coffee and then, later, lunch with friends. He took his bag and began the walk to his car. He felt a slight uncertainty since leaving the water, as if the day was not to be trusted. A woman in dark clothes and long hair walked ahead of him, looking out to sea. He turned his head to the same angle and followed a wave until it merged with the grey water in the bay. As he drew close to the woman he felt a faint quickening. He came level and turned his face to hers. Their eyes met and she looked away quickly. She was not who he thought she was.

Mona had left a note on the counter to say she'd be gone all day. She and her friends – all teachers – would linger over lunch and wine and talk of school and family, and the longing for retirement. Mona kept herself well and looked a decade younger than her sixty years. She read novels and played bridge and together they went to the theatre

and concerts and occasionally had friends over for dinner. He poured a glass of water and sat at the table with the house silent around him. He licked his forearm and tasted salt and remembered when he was a child how his father placed mineral licks in fields and sheds to ease the craving in calves. They might dement themselves licking the rungs of gates otherwise. He looked around the kitchen, delaying the moment when he would go upstairs to his desk and sift through notes and begin his report on a whole-school evaluation he'd completed that week. He no longer cared for his work. He would like to be devoted to one thing but had never found that thing. He looked out the window. They had lived in this house for twenty-eight years. Mona was a twin and one night in bed she spoke into the dark. "If I ever die, you must marry my sister," and he swore that he would, that he would seek out only those bearing the greatest likeness to her. It had felt like a pact. But she did not die and her sister went to Australia. One morning, soon after, she walked into the kitchen and stood in a pool of light under the yellow cabinets and told him she was pregnant. They had children because they could not be childless; childlessness would

have amplified the loneliness of marriage.

In mid-morning the nursing home in Athlone called to report on his mother's condition. She had Alzheimer's and had been winding down for years and now there was cause for concern. He drove east out of the city on the new motorway. He had driven the roads of the county for twenty-five years as a primary schools' inspector, heading deep into the countryside each morning, past fields with stone walls, and cows being driven home for milking, through sleepy villages an hour before anyone rose. In late spring sheep huddled behind walls, bleating for their lambs, and the lambs, newly weaned, cried out their own terrible lament from nearby sheds. Once, he stopped and stood on the raised verge of the roadside looking over a wall at them, listening to their plaintive bleating. He sat into his car and drove on. How long, he wondered, before the ache of a ewe disappears?

He looked at the land beyond the motorway, at a tree on a hill, a cow, the dome of the sky. He wondered about the existence of these things – a tree, an animal, an insect. He wondered if theirs was any greater, any happier, than his own. He would have liked to talk about these things but it was too late

now. He could not broach such things with Mona. They had not made love in a year. He remembered the woman on the Prom earlier, gazing out to sea like the woman at the end of a pier in a film he'd once seen. He saw lone women everywhere. One morning over twenty years ago he had passed a helmeted girl on the roadside. Her motor bike was parked and she was leaning over a dead fox. A few miles further on he arrived at the local school and as he walked up the path with the principal, the girl arrived and he turned and saw her unzip her jacket and remove the helmet and shake her hair free. Her name was Grace. He sat under a map of Ireland at the back of the classroom, observing her. He listened as she told the children that she had passed a dead body on the road. She had touched it, she said, and it was warm. A family of cubs would go hungry that day. All morning she moved among the children and bent her head close to theirs and whispered in their ears. Sometimes she smiled at him and they exchanged little knowing looks. She wore jeans and a white shirt. Her limbs were young, strong, unscarred, her body with its whole sensual life before it. He said her name in Irish, *Gráinne*, and at the end of the lesson he

asked, What did you want to be when you were small? I wanted to be everything, she said.

Mona would be in the restaurant by now, settling herself in her seat, lifting out her reading glasses to study the menu. She was not without her mystery. She had a bridge partner, a school colleague named Tim. He thought of them at the card table at night, and the looks that must pass between them. He remembered once watching a TV programme about rock climbing, and how climbing partners grow to read each other's minds, to comprehend each other in some deep silent way.

In the nursing home his mother's mouth was open, like the little beak of a fledgling. Sometimes on his visits a terrified look would cross her face when he entered her room. He said her name, Mother. Her frame was shrunken and the veins and arteries were visible on the undersides of her arms. Her slippers sat neatly on the floor by the radiator. A nurse came and stood beside him and spoke softly. "The doctor saw her earlier. Her lungs are not good... he doesn't think there's much time left." He felt his mother's hand. When

his father lay dying, his hands and feet and nose, the extremities, had grown gradually colder. His mother had kept touching them, as if temperature, and not hours or minutes, was the measure of time. Soon after his death she herself began to fade. She filled the electric kettle with milk and was frightened by rain. She began to sing the songs of Jeanette MacDonald and Nelson Eddy. She remembered what he had just said, but not the thing before. He thought of her brain as being littered with a hail of tiny holes, like the spread of buckshot.

That spring, years ago, he found excuses to revisit the girl in the classroom. He was touched by her youth and her sympathy. He hoarded up thoughts of her and as he drove home, he let them suffuse him. He would remember her little cough, or the way she forgot he was there and absent-mindedly put her head in her hands at her desk. On the final observation day he sat at the back of her class again, drafting his official report. When he looked up, her eyes were on him, unsmiling, looking deeply into him.

At the end of the day, with the pupils dismissed, he invited her to sit.

"You have a bright future ahead of you," he said.

“Thank you.”

“This job is temporary. Jobs are scarce. Do you have something else lined up?”

She gave a slight shrug. “No, not really. I’m going to Dublin for the summer. A few of us are taking a house there, we’re going to try some street theatre.”

He smiled and indicated that she should continue.

“I don’t know if we’ll even survive. We have high hopes! We’ll probably be forced back into the classroom in September.” Her eyes were green. Her neck was smooth and white. “Long term, though, we’ll probably go to America.”

He cleared his throat, and moved his papers about. “Really? To teach?”

She tilted her head a little. “Mmm, I don’t know... maybe... I want to go to New York for a while, hang out there, you know, live through four seasons in the city.” Her eyes were lit up. “Anyway if I do go it’ll be with the gang. There’s a community drama programme we’re hoping to get onto. America’s great for that kind of thing. I had a job there last summer. The people are different, they’re very... trusting. I met a poet at a bus stop one day... he talked to me like he knew me my whole life.”

Under the cuffs of her shirt her wrists were narrow and white. He had a glimpse of her future. She would always hear the cries of men and children.

“So you’re off to the Big Apple for a wild time then!”

“Oh, I wouldn’t say that, I wouldn’t say ‘wild’. I don’t even drink.”

“No?”

“No. Don’t get me wrong. I used to. I just don’t like what it can do.”

Suddenly he felt reckless. “What can it do?”

She blew out slowly and her fringe lifted in the stream of air. “Well... I’d be afraid of losing control. I might end up falling down on the street... getting run over by a bus... sleeping with a stranger.”

Down the corridor a door slammed. Then there was silence. He thought she might hear the terrible commotion inside him. He picked up the report and handed it to her. “I don’t usually do this,” he said.

She read the page silently and then left it down. “Thank you,” she said in a whisper.

He began to tidy his pages. His hands were trembling. He was aware of time slipping violently by.

“There’s a job coming up in a school not

far from here..." He could not look at her so he leaned down for his bag. "I know the principal, he's a friend... if you were interested..." He searched for the right words. "You'd be a great asset to the school."

They looked at each other. He saw her absorb the implications of the offer, and then her eyes softened with too much understanding, and it was unbearable.

"Of course, you may not want to stay around," he said. "From what you've said..."

He had almost lost the run of himself. He had become a small raw thing.

"Well... thank you. But if I do stick with teaching it'll probably be in Dublin."

Driving back to the city that evening he grew distraught. Mona would never know the depths of him. He would die a faithful husband. They were bound together by the flesh of three sons and the dread of loneliness. That night he stood before a mirror. He thought he could hear the sound of his pulse fading. Every morning after that, at every daybreak, something slipped away. He drove along city streets in the evenings and stared at the backs of girls and women. Her name, her face, hovered behind his eyes. He

went down to the strand on summer nights with the city lights at his back and stripped off and rolled out with the waves. He worked long hours and drove his sons hard at their studies and sports and exhausted everyone around him, and some days Mona turned on him with bitter, baffled eyes and he knew they had passed some milestone and there was no turning back.

His mother did not open her eyes. He drew the window blind down halfway, and waited. She lay supine before him, the torso, the bones that had borne the freight of her life, sunken in the bed. A girl with a plain wide face carried in a lunch tray and he smiled weakly and shook his head. She returned a few minutes later and, without a word, placed a cup of tea and two biscuits in front of him. This simple act moved him greatly.

In the late afternoon he walked outside and sat on a wooden bench and texted Mona. He dialled his sister's number and then instantly cancelled it. He wanted the day, and the death if it occurred, to himself. He walked around the back and stood on the edge of the lawn looking down at the Shannon. Pleasure cruisers were tied up at a

small marina on the far side. Further along the bank there was a new hotel, like a large white cube, with huge windows. The water was calm; the reeds made the river seem patient. He leaned against a tree and looked up at the steel railway bridge high above the water. Just then the Dublin train nosed into view and crossed the bridge and, out of the blue, he remembered Grace again.

He had come upon her, unexpectedly, just three years before, when he had been addressing a teachers' conference in Maynooth. The crowd was large and during the morning coffee break, he turned to leave his empty cup on the long table and there she stood, no more than four feet away, calmly considering him. They were instantly recognisable to each other. Her hair was longer, darker, with a stripe of grey at the front, like a badger's. The stripe marked her out as different, changed, afflicted. *We are the same now*, he thought, *you have caught up*.

"I am forty," she said, "and married." She crossed her hands on her lap. A great happiness had entered him the moment she sat into his car. He could not explain the closeness he felt to her. He was driving towards the city, blind, resolute. He thought of all the car journeys, all the years of re-

embrance. They floated along the quays in the late afternoon sun. He drove into an underground car park and they climbed concrete stairs and when they emerged out onto the street she let him take her hand. They entered a hotel, and up in the room he stood at the window and looked down at the street. Then he turned and crossed the floor and laid his head on her lap. They did not speak. He felt like a man in a novel – silent, obsessed, extreme in his love. He thought of this moment as his last chance, his only chance, and he felt everything – the past, the future – become almost obliterated by it.

"Tell me your life," he whispered. The room was still warm from the day's heat. Soon, outside, the light would fade.

She smiled. "A man broke my heart, once," she said quietly.

"Your husband?"

"No. Another man. In America... an actor. I met my husband when I came back." She gave a little laugh. "He insists on loving me... I will never have children."

"I'm sorry."

She stroked his hair.

"Did you get over him? The American guy?"



She looked past him. “When I came back I stayed at my mother’s. I used to walk the lanes. It was summer then. One evening I took her car and drove for miles. When I returned I parked in the local churchyard, at the back, under the yew trees. I thought, This is where people come on summer evenings to do away with themselves. But I just sat there. I was so pierced... I thought we were predestined.”

She took his hand and led him to the bed. She removed his shoes. The charge was immense. The light in the room had changed and he was reminded of summer evenings in childhood when daylight vanished and a certain kind of sadness fell on him. She raised her face to him, her throat, the tender place on her temple that he wanted to touch. He saw her eyes, saw that something in her had been extinguished. Who did this to you? he wanted to say. He took her in his arms and covered her with his whole body, with the soles of his feet. “Go deep,” she whispered.

They lay side by side looking up at the ceiling. He heard the rumble of the city in the distance. She had made him feel vast. He had to hold back words, thoughts, search for

other words that might bear their weight. He remembered something from the radio that day, about how the skies are full of old junk, thousands of space shuttles and old Russian satellites that break up and fall to earth as debris. Pieces the size of a family car could come crashing down on one’s house. He turned to tell her this. Her eyes were on him, full and moist and desolate.

“He only liked the beginnings of things,” she whispered. “He used to hit me... He was so broken. It made me love him more.”

Twilight came. He had an urge to carry her to the car and drive off with her. Gradually, beside him, he felt her grow remote. She stepped from beneath the sheet and crossed the room. The light came on in the bathroom and the door closed softly. Then the shower was running. He looked at the shapes in the room, the TV screen, the lamps, the armchairs. He waited a long time. He knew then that she wanted him gone. He rose and dressed and went down in the lift, his legs barely able to ferry him. Out in the evening he felt sick in his stomach. The orange streetlights made everything eerie. He drove along empty streets where the trees hung low. He did not know his way out of the city. He stopped



and sat in a café under harsh lights and stared at his reflection in the plate-glass window. He thought of her back in the hotel room, sitting in front of the mirror, brushing her hair in long, even strokes.

The horizon turned black as he drove west. He imagined forks of lightning striking the road, lighting up the way ahead. He opened the window and cold air streamed in and he accelerated hard and closed his eyes for a few seconds. It did not matter if he never reached home. He knew what awaited him, what had to be got through. He knew the water in the bay and every city street and every tree on his road. He knew his own driveway and the front door where his key fitted and the sound of his step on the stairs and the smell of the warm sheets rising to meet him. He pictured himself sitting on the edge of the bed, his weight sagging as he bent down and removed his shoes. He thought how such small things – untying shoelaces, undressing – or the thought of such things, could unhinge a man.

Lights were coming up across the river, on the marina, in the hotel, and soon they would rise from the town and reflect on the

water. He felt a little chill. He crossed the damp grass and went inside. They had put a small table in his mother's room, with a white cloth and a crucifix and two lighted candles. A nurse came in and lowered the lights. He listened to his mother's breath, shortening. He laid his fingers on her pulse and rested them there and felt himself weaken in a moment of terrible tenderness, of mercy. He felt it in his arms, *caritas*, a love for her greater now than at any moment in his whole life. Suddenly, she opened her eyes wide and stared, petrified, at something at the foot of the bed. He whispered *Momma* and moved to that spot and for one long beautiful moment he thought she was back, and that it was all a mistake and in the next moment she would sit up and be whole again, and elated. But her eyes looked through him, seeing something beyond him.

The building was quiet. He thought he should whisper something in her ear. Her lungs were rattling, filling up with liquid, drowning like weighted sacs. Soon they would be full. When it happened, when the moment arrived, her little breaths petered out in one long exhalation, and he held his own until it ceased.

He sat there for a long time feeling it was

neither day nor night. Something remained, drifting in the room. She had been long gone before tonight, long exiled. He had lived in an exile of his own too, in recent years. He closed his eyes now. Mona had made his home. She had made his children, inside her. He turned his head to where his mother's slippers sat on the floor. The sight of them, their patient waiting, moved him. He bent down and took them on his lap and put a hand inside each one. His heart began to pound. He had given Mona the whole of his life, the days, the hours, the quotidian. Every single day, but one. She would have him beyond this life too. Their bones would lie in the same grave and lean against each other and calcify in the earth together. What more could she want? What more could he give?

He was still for a long time. He did not know if this moment counted for everything or almost nothing. He drove west into the night. On the radio a piano was playing, single high notes, marvellous and pure, like the ringing of delicate bells. Their tinkle, their ambulation, tapped on his soul and made it soar.

## Mary Costello

Mary Costello é natural de Galway, na Irlanda. A sua coletânea de contos, *The China Factory* (2012), foi nomeada para o Guardian First Book Award e pré-selecionada para um Irish Book Award. O seu primeiro romance, *Academy Street* (2014), venceu o prémio Irish Book Awards Novel of the Year Award e foi considerado Livro do Ano da Irlanda em 2014. O seu segundo romance, *The River Capture*, foi publicado em outubro de 2019.

## Mary Costello

Mary Costello is from Galway, Ireland. Her short story collection, *The China Factory* (2012), was nominated for the Guardian First Book Award and shortlisted for an Irish Book Award. Her first novel, *Academy Street* (2014), won the Irish Book Awards Novel of the Year Award and was named overall Irish Book of the Year in 2014. Her second novel, *The River Capture*, was published in October 2019.

## Vasco Gato

Vasco Gato nasceu em Lisboa, Portugal, onde vive e trabalha atualmente como tradutor. Desde 2000, Vasco Gato publicou quinze livros de poesia, uma peça de teatro e duas antologias de poemas que selecionou e traduziu para português. Traduziu também vários romances de inglês, espanhol e italiano, de autores como Anthony Burgess, Charles Bukowski, F. Scott Fitzgerald, Iris Murdoch, Juan Gabriel Vásquez, Manuel Vilas, Mario Vargas Llosa, Domenico Starnone, Italo Svevo e Roberto Saviano.

## Vasco Gato

Vasco Gato was born in Lisbon, Portugal, where he currently lives and works as a translator. Since 2000, Vasco has published fifteen books of poetry, a play and two anthologies of poems he selected and translated into Portuguese. He has also translated several novels from English, Spanish and Italian, by authors such as Anthony Burgess, Charles Bukowski, F. Scott Fitzgerald, Iris Murdoch, Juan Gabriel Vásquez, Manuel Vilas, Mario Vargas Llosa, Domenico Starnone, Italo Svevo and Roberto Saviano.

the  
arts  
council  
e chomhairle  
ealaíon

funding  
literature



Cultúr Éireann  
Culture Ireland

